Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

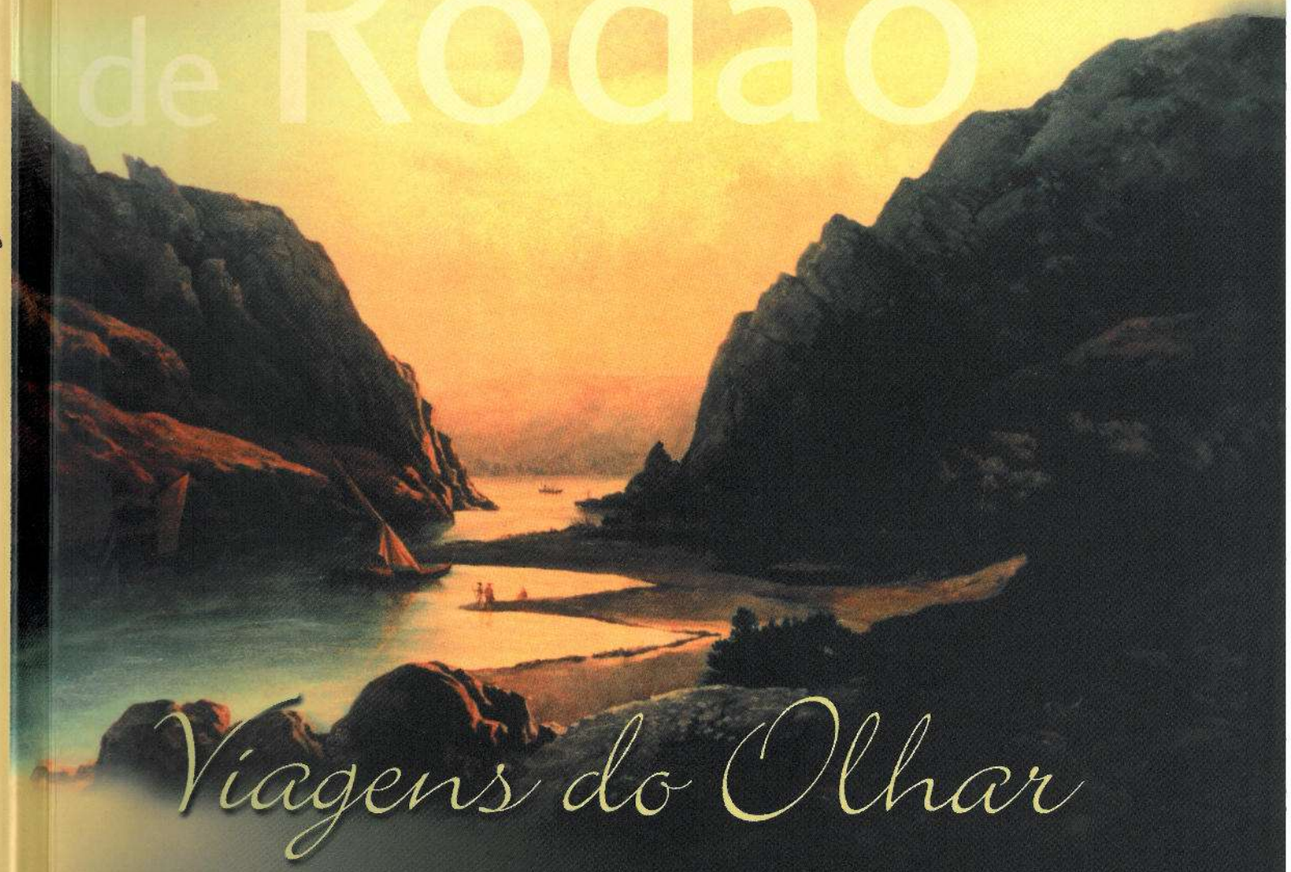
ADRACES
Associação para o Desenvolvimento do Raia Centro-Sul

LEADER II

Viagens do Olhar

Vila Velha de Ródão

Vila Velha de Ródão



Viagens do Olhar

CENTRO MUNICIPAL
DE CULTURA E
DESENVOLVIMENTO DE
VILA VELHA DE RÓDÃO

Ficha Técnica

Vila Velha de Ródão
Viagens do olhar

AUTORA
Graça Batista

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS E DOCUMENTAIS
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (pp. 69, 72)
Andrea de Paula (pp. 15, 99, 102, 125, 150 em baixo, 217)
Associação de Estudos do Alto Tejo (pp. 60, 61, 62)
CDRC de Vila Velha de Ródão (p. 150)
Domingos Alves Dias (pp. 122, 123, 124)
Joaquim Manuel Gonçalves Candeias (pp. 38, 173, 187, 210, 211)
José Fernando Alexandre Martins (pp. 109, 115, 121, 130 à direita, 131, 145 a meio, 146, 147, 149 em baixo, 150 em cima, 151 em cima, 176, 183, 185, 186, 224 em baixo)
José Ribeiro Marques (pp. 26 em cima, 27, 30, 32, 34, 37 em cima, 151 em baixo, 172, 190, 224 em cima, 232 – 233)
Marcos Soromenho Santos (pp. 49, 52, 130 à esquerda, 149 em cima, 184)
Maria da Conceição Figueiredo (pp. 145 em baixo, 146 ao lado)
Miquelina Matos Pires (pp. 128, 129)
Octávio Sotana Catarino (pp. 28 – 29, 231)
As restantes fotos incluídas na obra pertencem aos arquivos do CMCD e da Câmara Municipal

REVISÃO DO TEXTO
José Manuel Batista

DESIGN GRÁFICO,
IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Oficial Design

EDIÇÃO
Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão
Largo do Pelourinho
6030-212 Vila Velha de Ródão

CAPA
Reprodução de uma pintura a óleo sobre tela de Isaías Newton, de 1856

TIRAGEM
2000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
167209/01

ISBN
972-98259-1-2

APOIOS
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão
ADRACES
Associação para o Desenvolvimento do Raia Centro-Sul
LEADER II

Índice

APRESENTAÇÃO 5

INTRODUÇÃO 7

A NATUREZA E O HOMEM 9

GÉNESE 10

OS RIOS 14

OS CAMPOS 22

OS TEMPOS DA NATUREZA 30
Primavera 32
Verão 36
Outono 39
Inverno 43

A HISTÓRIA 49

MARCAS DE UM PASSADO LONGÍNQUO 50

VILA VELHA DE RÓDÃO NO REINO DE PORTUGAL 66
A defesa e povoamento do território 68
Modos de vida 74
A autonomia municipal 76
Novos contextos bélicos 80
Apogeu e decadência do Porto do Tejo 100
O fim de uma época 112

TEMPOS DE MUDANÇA 127
1º Tempo: 1910 – 1974 128
2º Tempo: 1974 – 2000 153
Do amanhã 167

RETRATO DAS FREGUESIAS 168

FRATEL 174

PERAIS 188

SARNADAS DE RÓDÃO 200

VILA VELHA DE RÓDÃO 212

BIBLIOGRAFIA 234

Apresentação

O livro que agora vem a público é, a justo título, cativante e meritório.

Desde logo, porque se manifesta oportuno: requeria o concelho um testemunho escrito, de manifesto fôlego literário, que o retratasse, ao longo da sua história, percorrendo-lhe os veios da sua identidade.

Depois, porquanto este itinerário descritivo se envolve de tal emotividade que todos, creio, nos revemos nesses espaços e tempos revisitados.

Ainda, porque, tratando-se de uma "viagem" de alcance geral, incentiva e lega o desafio para outros trabalhos mais específicos.

Persegue, no mais, o desiderato primeiro do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento: no respeito pela nossa realidade multivalente, e através da materialização de pontes culturais, promover a integração social dos cidadãos e viabilizar, por esta ou outras formas, incursões nas raízes profundas do imaginário deste território encostado ao Tejo.

Para finalizar, resta-me expressar o meu reconhecimento à Câmara Municipal e à Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro e Sul, que se dignaram apoiar e souberam entender a relevância deste projecto para a preservação das nossas heranças culturais; e a Graça Batista, pelo legado literário que aqui nos apresenta, numa visão plena de paixão e conhecimento, que se revelará, de certo, uma obra paradigmática no contexto do entendimento da interioridade.

Maria Edite Oliveira Diogo Candeias

Presidente da Direcção do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão

Introdução

Não é difícil a alguém que é desta terra amada escrever sobre Vila Velha de Ródão. Não o foi também para outros, que já antes se haviam rendido à majestade da sua paisagem, intrigado com a obscuridade do seu passado e entusiasmado com a vida da sua comunidade. Com as reflexões desses pioneiros da descoberta dialogámos longos períodos, e foi nas suas palavras que encetámos a viagem. Porém, em alguns momentos, foi custoso o caminho – a cada questão respondiam vozes dissonantes, expunham-se conceitos singulares, dissertavam-se teorias contrastantes.

Fomos durante seis longos meses um olhar que se cruzou com o saber, um corpo que palmilhou memórias, escutou com deleite histórias de fadigas e amores, perscrutou ambientes, furtou vivazes emoções, seguiu os passos do homem na sua vida. Só a escrita pôs fim ao *voyeurismo*, só ela e a tormenta das palavras fugazes e inexactas a pedirem atenção e persistência.

Não é este um livro clássico de saberes geográficos, históricos ou etnográficos. É antes uma dedicatória – à terra e às gentes que o inspiraram, à arte poética, à tentação sedutora que cada livro deve ser. E assim deve ser lido, como o novo começo de uma relação, em permanente mudança, com o universo subjectivo que construímos.

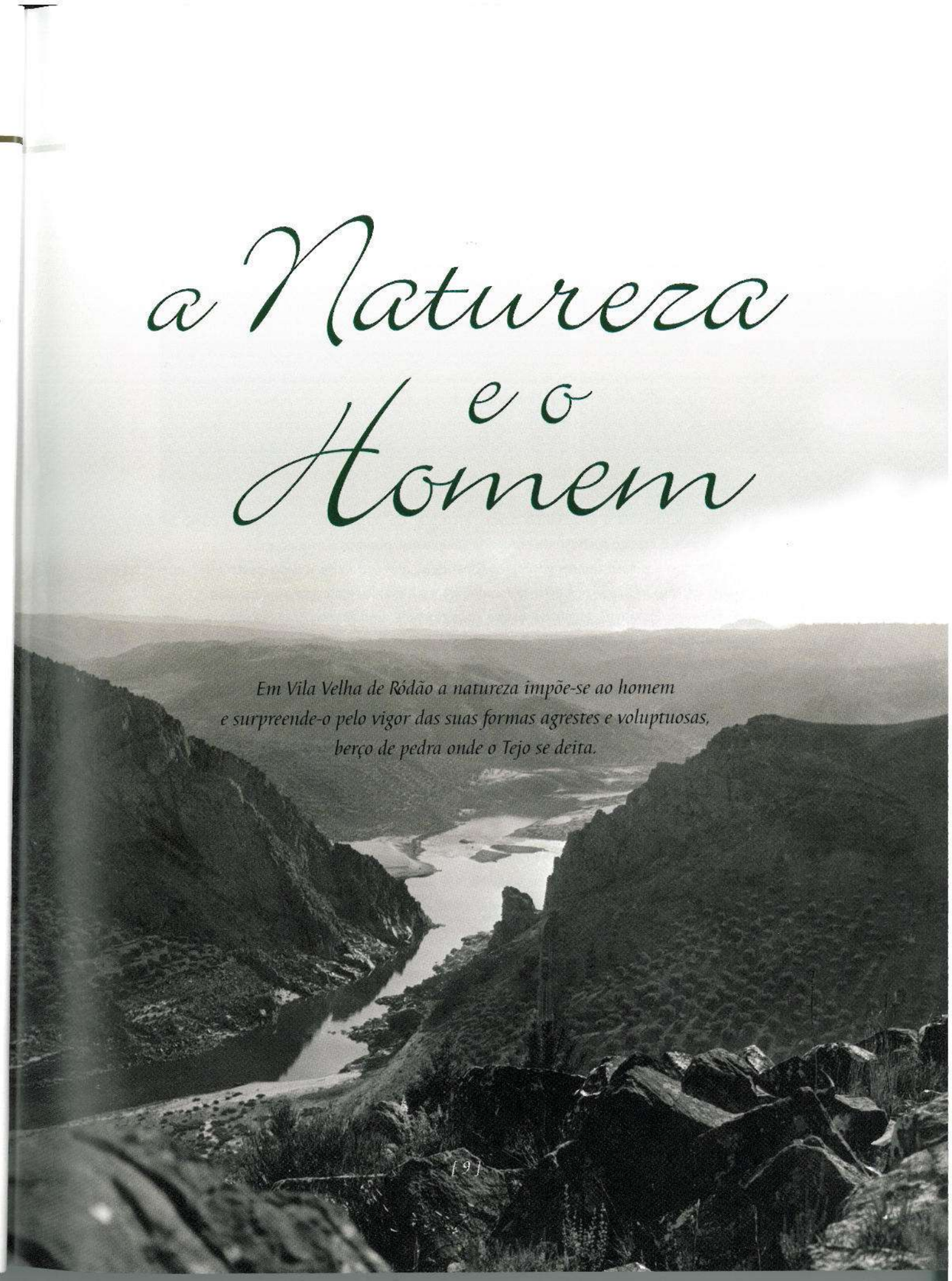
Para quem o gerou a última palavra é o fim, a partida de um palpitar acre e doce, o adeus do prisioneiro ao seu exílio.

Na despedida temos já saudade dos conselhos recebidos, das sugestões apontadas, do interesse motivador sempre revelado por aqueles a quem pedimos colaboração. É tão longo o rol dos consultados durante a feitura desta obra que não poderemos nomeá-los todos, porém fica aqui expresso o reconhecimento pelos que, citados ou não, nos trouxeram ensinamentos preciosos, em textos produzidos ou nos depoimentos prestados; aos que generosamente nos cederam documentos e fotografias do seu espólio pessoal, e nesta condição é de realçar o valioso contributo do Sr. Alexandre Martins; a Jorge Reis, Carla Pires, Sónia Pinto e Vera Moura, que apoiaram o trabalho de pesquisa; ao arquitecto José Manuel Pires, pelos percursos visuais que enriqueceram de imagens o livro; ao Sr. José Ribeiro Marques, o empenho posto nas reproduções fotográficas executadas e a dádiva generosa de alguns dos seus melhores trabalhos; aos colegas de trabalho, amigos e família, que, demonstrando interesse pelo que fazíamos, nos incentivaram.

Não poderei, no entanto, deixar de agradecer especialmente à Câmara Municipal – nas pessoas da Dr.ª Edite Candeias, incansável orientadora deste percurso, e do atento e sempre disponível presidente, Engº Vítor Carmona – a oportunidade que me foi dada de escrever sobre Vila Velha de Ródão, certamente aquém do que ela merece; ao doutor Luís Raposo a inspiração recebida do convívio gratificante que nos dispensou; aos doutores Francisco Henriques e Andrea de Paula a elogiosa leitura crítica que fizeram e as sugestões apontadas, que gratamente acolhemos; à doutora Adelaide Salvado o retomar de uma relação de ensinamento enriquecedora cultural e afectivamente; e, finalmente, ao meu marido o olhar terno e benevolente com que leu e interpretou o texto, enquanto assinalava minuciosa e incansavelmente as suas lacunas. São gestos e atitudes que fazem de nós devedores e aumentam o desejo de fazer bem. Esperemos que agora se comprazam com o trabalho realizado, como nós com o processo da sua concretização.

Graça Batista

a Natureza e o Homem



Em Vila Velha de Ródão a natureza impõe-se ao homem e surpreende-o pelo vigor das suas formas agrestes e voluptuosas, berço de pedra onde o Tejo se deita.

Génese

Nos dias em que alongamos o olhar pela Serra das Talhadas e, no seu dorso petrificado de animal estendido, contemplamos extasiados o vulto escarpado das Portas de Ródão, inquieta-nos a perturbante presença de uma terra-mãe prodigiosa e eterna.

Intriga-nos, nesse cenário majestoso e imemorial, o Tejo que, vigoroso nos seus movimentos, violento nas suas cheias e persistente nos seus intentos, venceu a resistência do muro quartzítico que o afrontava e aí cavou o leito onde derramou as suas águas, ora mansas e fluidas, ora saltitantes em cachões.

Nas páginas ditadas pela sábia peregrinação dos geógrafos e dos geólogos colhemos a explicação que desvela o enigmático nascer e crescer da terra, nelas adivinhamos como se ergueu e impôs o maciço rochoso de enrugada volúpia que pisamos e esquecemos.

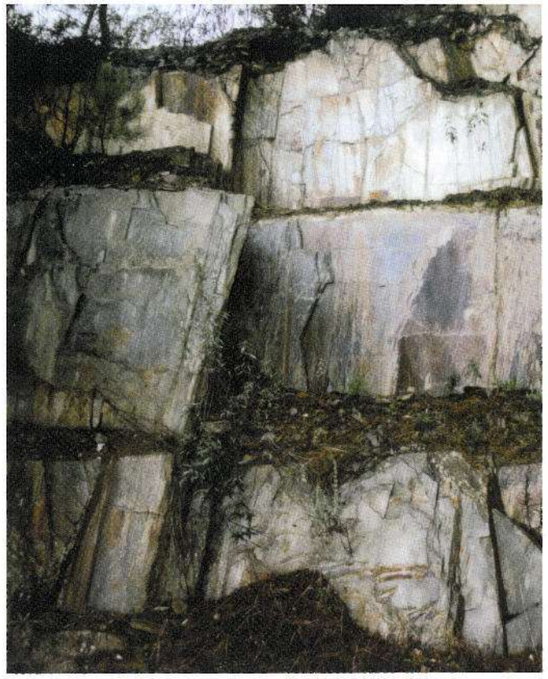
O longo e ditoso tempo geológico, qual deus que tudo cria e tudo destrói, fez-nos herdeiros de tesouros paisagísticos que enfeitiçam a alma dos que por aqui passam.

Primeiro todo este território estava coberto pela monotonia aplanada do complexo xisto-grauvaque. É no Ordovícico (há cerca de 500 milhões de anos) que tem lugar o espectacular irromper da crista quartzítica, a que chamamos Serra das Talhadas, e, embora nessa altura o seu relevo fosse ainda mais altivo e dominante, a paisagem aproxima-se da actual.

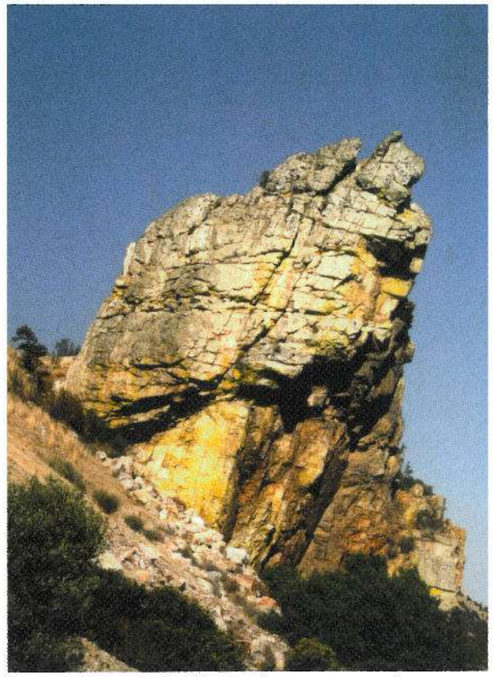
Durante o Mioceno e o Plioceno (decorridos no período que medeia os 24 e os 2 milhões de anos) novas acções geológicas tiveram lugar: a erosão, provocada pelo deambular dos rios e pelas torrentes de água e lama das chuvas intensas, desgasta as formações rochosas e gera materiais que se depositam nas zonas mais baixas – são as arcoses da Beira.

Por fim, no Quaternário (que teve início há dois milhões de anos), os glaciares, que faziam da Terra um branco cenário de gélidas montanhas, minguam os mares, e estes impõem aos rios novos cursos, mais fundos e cavados. É neste tempo que o Tejo, perseguindo o Atlântico, se afunda na lassidão xistosa do seu leito, até se debater com a dureza do quartzito que lhe cruza o caminho. E é esse confronto brutal, entre a firme solidez da rocha e a furiosa teimosia de um rio que quer cumprir o seu destino, que está esculpido nos contornos feridos das Portas de Ródão. Venceu o desafio o rio, cujas águas, redobradas de força e tenacidade, rolaram pedras e areias que rasgaram fendas na terra que antes lambiam e, numa insistência hercúlea, aprofundaram e alargaram a estreita passagem de paredes gémeas, até atingirem o equilíbrio inadiável entre a nascente, que é o seu princípio, e o mar, que é o seu fim.

Estava criado, finalmente, o cenário natural que acolheria aqui o Homem e cuja história se inicia neste período.



Xisto colocado à vista por corte de terreno



Aspecto particular de aflonamento quartzítico

Foi, assim, de um brincar da terra com a água, num jogo de resistência e entrega, com ralhos de vento e convulsões telúricas, que se formaram e deformaram montes, vales, planaltos e planícies deste pedaço de chão. E desse mesmo tempo longínquo, de glaciares e águas revoltas à procura de um leito, são também as Portas do Almourão, talhadas pelo rio Ocresa.

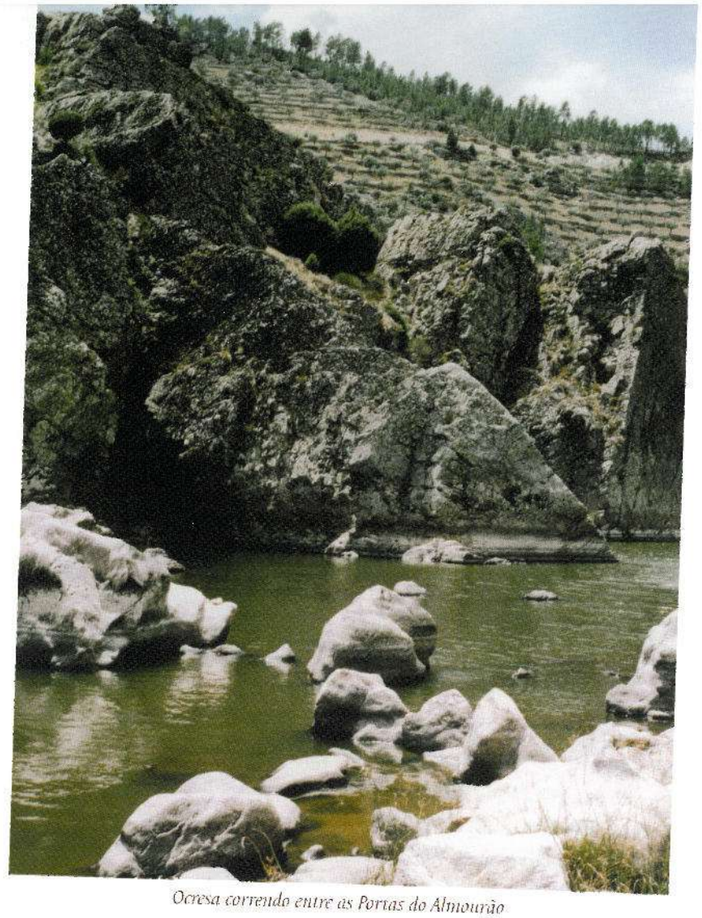
"Toda a região fez parte, no fim da era primária, de enorme cadeia de montanhas (a Cordilheira Hercínica), depois desgastada até às raízes das suas pregas, representadas hoje pelas cristas quartzíticas, cuja direcção NO-SE nos dá ideia da orientação dominante dos grandes relevos desse tempo. (...) Mas durante a era secundária tudo foi nivelado: rochas brandas como o xisto, ou duras, como o quartzite, não escaparam à aplanação. Os rios divagavam serenamente numa planura de fraco relêvo onde abandonavam as aluviões.

(...) Durante o terciário, em surtos sucessivos, a região deforma-se. Os terrenos quebram-se, cindem-se em compartimentos e alguns levantam-se ao longo de falhas. Estas marcam-se no relevo por escarpas, como a dos flancos NO-SE da Serra da Estrela , ou o grande degrau que se segue de Vila Velha de Ródão até Monfortinho, ladeado em parte pelo rio Ponsul.

(...) Toda a área se eleva, as águas correm mais vivas, os rios escavam leitos fundos, as rochas brandas são desgastadas e as linhas de quartzites, muito resistentes, começam a sobressair na paisagem.

(...) No fim da era terciária reinou também nas nossas latitudes um clima árido, com chuvas escassas, concentradas, particularmente impetuosas e violentas nas montanhas, donde saíam torrentes de água e lama, dotadas de grande poder de desgaste e de transporte. Então ao pé das serranias acumulam-se desordenadamente materiais grosseiros arrancados delas .

(...) Também as serras quartzíticas resultam do mesmo processo de desgaste longamente exercido. Apesar do bravio das encostas e da juvenil aparência de penhascos e cumeeiras, estas cristas duras constituem



Ocresa correndo entre as Portas do Almourão

os restos, muito desmantelados, das montanhas mais antigas de que é possível ter notícia na região. Mas em vez de cimos, formam o fundo das velhas rugas do pregueamento hercínico. Nas serras do Perdigão e de Penha Garcia a crista desdobra-se em parte do percurso em dois ramos, que de divergentes passam a paralelos e cujos estratos se ligam em profundidade como um fundo de barco (sinclinal, chamam os geólogos a esta disposição).

(...) Às vezes também aqui as falhas intervieram e, ao longo delas, deslizaram compartimentos.

(...) As nascentes termais da região, algumas de fama crescente como as de Monfortinho, outras quási desconhecidas, como a Fonte das Virtudes, perto das Portas de Ródão, andam ligadas à existência destas falhas, que permitem que brotem à superfície as águas aquecidas no interior da crusta terrestre.

(...) Foi abaixo da superfície nivelada no fim da era terciária que os rios afundaram os leitos, talhando gargantas escarpadas e deixando, a altitudes diversas, mantos de calhaus rolados que testemunham a passagem do curso de água a níveis mais elevados. Estes têm, na literatura científica, o nome de terraços; o povo chama-lhes conheiras e podem ver-se, com enorme espessura e extensão, nos arredores de Vila Velha de Ródão."

Orlando Ribeiro, Guia de Portugal, III vol, pp. 632-633

1. Cordilheira Central
2. Superfície da Meseta
3. Planalto da Beira Alta
4. Superfície de Castelo Branco (a verde mais escuro, as bacias tectónicas que se encontram abaixo desta superfície)
5. Superfície do Alto Alentejo
6. Vale do Zêzere escavado abaixo do nível de 400 m
7. Cobertura detrítica (arcose)
8. Depósitos grosseiros tipo raña
9. Cristas quartzíticas
10. *Inselberge*
11. Escarpas de falhas e orientações tectónicas
12. Rechãs que testemunham o nível de 400 m ao longo do vale do Zêzere
13. Terraços
14. Curso de água encaixado nos planaltos

Mapa adaptado da obra Geografia de Portugal, Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, I vol., Lisboa, 1991

Os Rios

No corpo inerte deste território aguado, perto de Espanha e longe do mar, correm como veias as ribeiras que engrandecem os rios Ponsul, Ocresa e Tejo, ora inchadas pelas primeiras águas outonais ora condenadas à secura pelo longo estio. E nesse seu deambular, às vezes apressado outras vagaroso, regam pelo caminho hortas, pomares e campos de cereais.

Entrecortadas por açudes que lhes dilatam o caudal e dominadas por muros que lhes vedam a vontade de se espreguiçarem, as ribeiras – onde crianças nos reencontrámos sem temor com a água e sentimos com prazer o seu chão de pedras lisas e areia áspera – sulcam a terra e amamentam os rios que recortam os limites do concelho.

De longe vem o Tejo, de Espanha onde nasce na Cordilheira Ibérica a 1800m de altitude. Corre depois apressado pela bacia terciária da Meseta e penetra no Maciço Hespérico, esgueirando-se com o seu manto arenoso por entre vales encaixados.

Rio Tejo a montante da Barragem do Fratel

Ribeiros, ribeiras e regatos

Além do Tejo, banham esta parochia muitos ribeiros ribeiras e regatos. Mencionaremos apenas os seguintes:

1º - *Enxarrique.*

É o ribeiro mais proximo d'esta villa; - desagua no Tejo a poucos metros das casas do *Porto de Villa Velha de Rodam*; - tem uma ponte de granito de um só arco para passagem da estrada real de Castello Branco a Nisa e Portalegre; - move três moinhos de cereaes e um lagar d'azeite – e n'elle lavam a sua roupa os habitantes d'esta villa desde as aguas outonaes até os principios de julho data em que deixa de correr, por desviarem as aguas para rega dos campos e hortas.

Açude na ribeira do Açafal

2º - *Ribeira do Açafal*, outro affluente do Tejo.

Banha a grande herdade de *Açafa*, ou da *Ordem*, já descripta, - é atravessada pela estrada real em uma bella ponte de granito de cinco arcos - e desagua no Tejo cerca de um kilometro a montante do porto desta villa!

Move 2 moinhos de cereaes e 1 lagar de azeite.

3º - *Arrivida*, ribeira confluente da de *Açafal*.

Desagua n'ella cerca de 200 metros a jusante da dicta ponte.

Move um lagar d'azeite.

4º - *Ribeiro de S. Pedro.*

É também confluente da ribeira de *Açafal* e desagua n'ella a dois kilometros de distância d'esta villa.

5º - *Cerejal.*

Este ribeiro move quatro moinhos e já tem movido mais 6, hoje desmontados.

É tambem confluente da ribeira de *Açafal*, e desagua n'ella a 3 kilometros desta villa.

6º - *Coxêrre.*

É um ribeiro confluente da ribeira d'Alfrivida – e atravessa-o a mesma estrada real nº57 em uma ponte de granito de um só arco.

7º - *Barroca da Senhora.*

É um pequeno regato que desagua no Tejo um pouco a montante das *Portas de Rodam*, - conserva agua todo o anno, mesmo no rigor da estiagem, e rega um valle pittoresco e muito aprazivel, todo cheio de hortas e pomares de bella fructa e povoado de frondoso arvoredo nas encostas. É este lindo e ameno valle a Cintra de Villa Velha de Rodam, mimoso de sombra, flores e fructa, e d'agua potavel deliciosa.

8º - *Domingos Tejo.*

Este ribeiro passa a 3 kilometros d'esta villa para S.O. junto da povoação de Villas Ruivas; - é atravessado pelo caminho que d'esta villa conduz á dicta povoação pela ermida da Senhora do Castello; - desagua no Tejo um pouco a jusante das *Portas de Rodam* - e fertilisa bastantes hortas.

9º - *Ribeiro de Villas Ruivas.*

Passa a 2 kilometros da povoação d'este nome, para S.O. desagua tambem no Tejo cerca de 3 kilometros a jusante das Portas de Rodam; – e a linha divisoria entre esta freguezia e a de Fatel – tem uma ponte para communicação entre as duas freguezias.

Todo o caminho é estreito e mau; mas na passagem do dicto ribeiro é medonho e pessimo! As encostas sobranceiras á ponte são muito ingremes e elle desce a prumo sobre a ponte em escabrosos lacetes, por onde nenhum cavalleiro transita sem dizer com o auctor do Palito Metrico:

Sensi in fronte meo se arripiare cabelos!...

Na encosta da margem esquerda tem 13 lacetes – e na da margem direita, que é muito mais alta, tem talvez o dobro!

É rival do caminho da villa de Manteigas para a de Gouveia, na serra da Estrela, - caminho que de Manteigas, enterrada na margem esquerda do Zezere, até o ante-mural da grande serra, vae pela medonha ladeira do *Carvalhal* a cima aprumado sobre a villa na extensão de uns 3 kilometros, semelhando uma escada lançada contra o ceu.

No dia 4 d'agosto de 1881 subimos nós a dicta ladeira a cavallo, quando iamos para a serra da Estrella com a *Expedição Scientifica*; - depois obliquámos pela villa de Ceia; mas ha quem desça por alí a cavallo!...

10º - *Ocrêsa.*

Esta ribeira, ou este rio, nasce na serra da Gardunha, termo da freguezia de Louriçal do Campo, concelho de S. Vicente da Beira; - limita esta freguezia e este concelho de Villa Velha de Rodam a N., N.O. e O. a distancia de 10 a 12 kilometros da sua séde, - separando os da freguezia da Sarzedas, (concelho de Castello Branco), e da Sobreira Formosa (concelho de Proença a Nova); seguindo para sudoeste continua a formar a linha divisoria d'este concelho por aquelle lado - e desagua no Tejo, um pouco a juzante da povoação de Gardete, na freguezia de Fratel.

Banha este concelho na extensão de 40 kilometros approximadamente - e antes de tocar n'elle já deve ter percorrido talvez 25 kilometros, pelo que o seu curso total é de 65 a 70 kilometros.

O seu leito em grande parte corre fundo por entre margens muito íngremes e muito pedragosas, particularmente n'este concelho; mas tem n'essas encostas esplendidos olivaes, parecendo incrivel que as oliveiras se desenvolvam e sustentem viçosas em fragoedo tão escalvado, agreste e nu!

Nos limites d'este concelho move esta ribeira dois moinhos de ceraes, que trabalham sómente no verão, quando escasseiam as aguas nas outras ribeiras.

11º - *Olho d'Agua.*

Este ribeiro passa ao nascente da aldeia de *Valle do Cobrão*; - é confluente do Ocrêsa; – rega muitos campos - e move, mesmo na estiagem, cerca de 2 kilometros da aldeia da *Foz do Cobrão*, - 11 pisões,11 moinhos de cereaes e 1 lagar de azeite!...

É pois muito industrial aquelle povo. N'elle se fia em rodas muita lã e se tece grande quantidade de lanificios em teares de mão, pertencendo a maior parte d'aquelles lanificios aos habitantes de Cebolaes, freguezia do concelho de Castello Branco, que para ali costumam levar lã já fiada na fabrica a vapor, existente na dicta cidade.

É muito abundante d'agua este ribeiro, mesmo na estiagem, – e pelo seu declive n'aquelle ponto, distante 10 a 12 kilometros de Villa Velha de Rodam, por onde deve passar brevemente a linha da Beira Baixa, quando não passe ainda mais proxima da dicta aldeia da Foz do Cobrão, - é aquelle um dos pontos mais aptos para estabelecimentos fabris *em grande escala*, como hoje se vêem nos concelhos de Gouveia, Ceia e Covilhã.

(...)

Concluiremos este topico mencionando ainda mais dois ribeiros e uma ribeira no limite d'esta freguezia:

12º - *Achada.*

Este ribeiro vem do poente e desagua no do *Olho d'Agua*, a distancia de 2 kilometros do povo de Valle do Cobrão.

13º - *Ferranheira.*

Nasce este ribeiro na serra de Villa Velha de Rodam; – é cortado pelo caminho d'esta villa para o Fratel pela dicta serra; – conserva agua no verão — e desagua no ribeiro de Villas Ruivas.

14º - *Lucriz*, ribeira supramencionada.

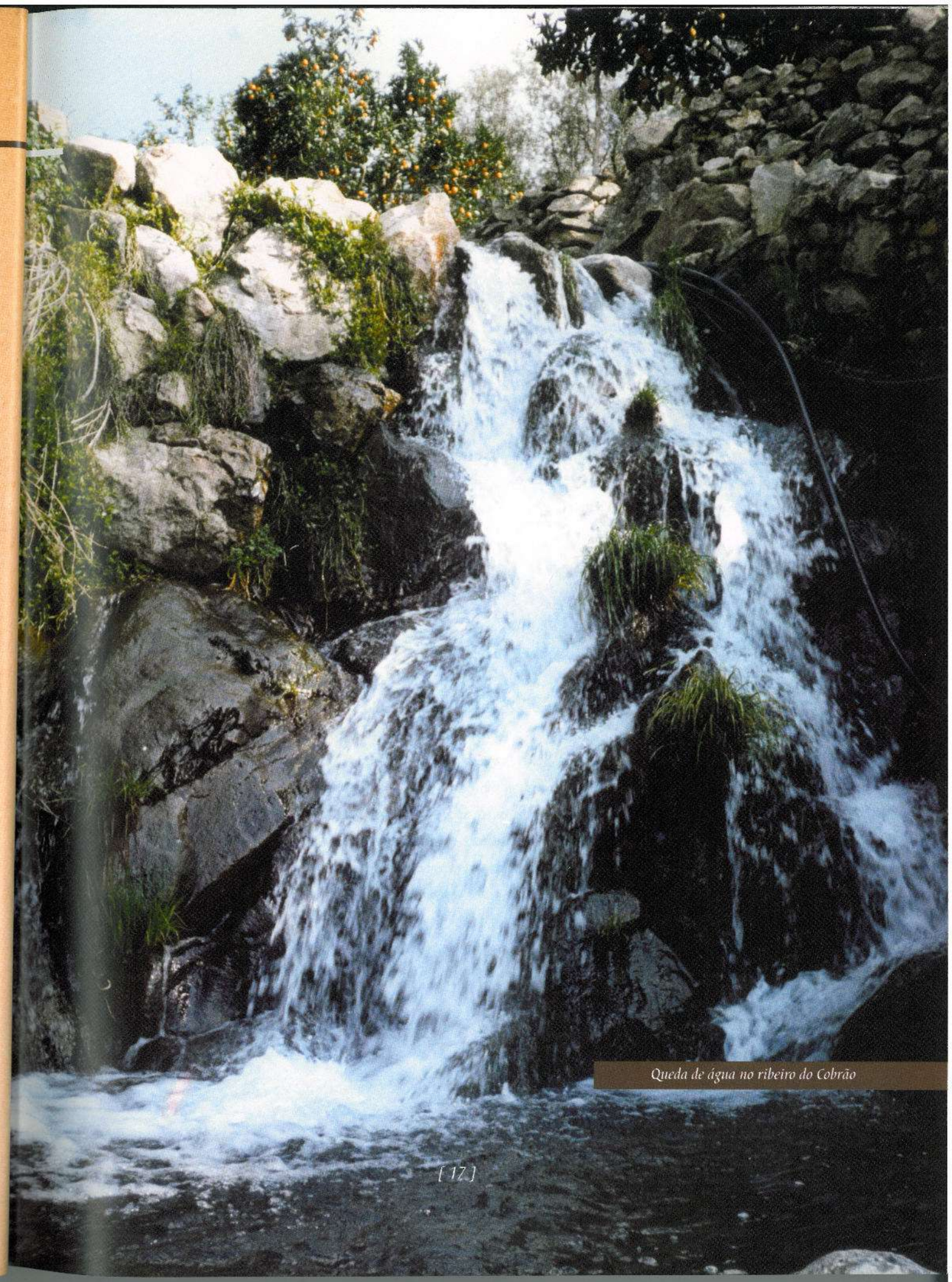
Banha a povoação de *Lucriz*, da qual tomou o nome.

Mencionaremos ainda n'esta parochia mais 2 lagares d'azeite na povoação de Villa Velha de Rodam e 2 azenhas de cereaes no Tejo.

Toatal dos rios, ribeiros e regatos principaes que banham esta parochia 16
Moinhos e azenhas que movem 30
Mais 6 desmontados 36
Pisões 11

Do exposto se vê que o chão d'esta parochia é muito accidentado e pedragoso, mas em compensação tem mais agua nativa, de veia corrente, do que muitas freguezias da Extremadura e do Alemtejo reunidas, sendo para lamentar que a maior parte dos seus rios, ribeiros e regatos corram tão fundos e por entre margens tão escalvadas e aprumadas, que pouco partido tira d'elles.

Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, 1886



Queda de água no ribeiro do Cobrão

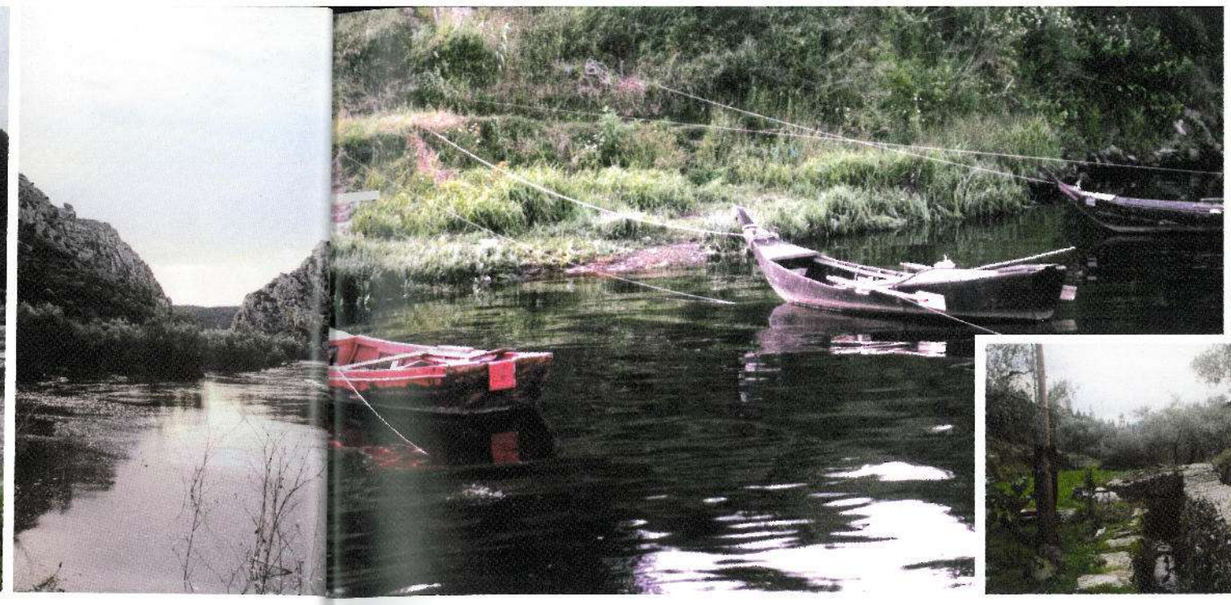
Cheias de Inverno em 2000, no Rio Tejo

Assim o recebemos em Vila Velha de Ródão: temível nas suas cheias de Inverno – inundando os campos, roubando o homem, esboroando os solos à sua passagem – e generoso e refrescante no Verão – acolhendo, nas suas margens, grupos de veraneantes que ali se deslocavam para se refrescarem do estio sufocante e, num salutar convívio familiar, repousarem da dureza do trabalho.

Era indómita a vontade deste rio, ao mesmo tempo temerária – em 1876 ocorreu tal cheia que provocou uma subida de 26,40 m das águas do rio, a montante das Portas de Ródão- e generosa – é ao rio que o imaginário local agradece ter trazido, numa das suas inundações, a imagem de Nossa Senhora da Alagada, quiçá símbolo santificado da acção fertilizante das cheias que cobrem de nateiros os terrenos alagados.

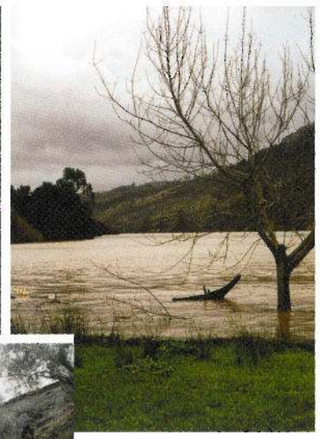
A necessidade de pôr fim a este desregramento, tantas vezes prejudicial, e a possibilidade de produção de energia eléctrica determinaram a construção das barragens de Cedillo (a montante) e de Fratel (a jusante), empreendimentos que transformaram o Tejo num rio pacífico, embora nem sempre apaziguado- como o demonstraram as cheias catastróficas de 1978 e 1979.

O rio revolto de outrora é hoje sepultura de azenhas caídas em desuso, de um porto atingido pela decadência, de muros de sirga, que em tempos ajudaram o homem a dominá-lo, e de milhares de gravuras rupestres, símbolos persistentes da vontade humana se manifestar. Mas é também o lago nostálgico, de onde, pela via do turismo, renasce a esperança de desenvolvimento de uma terra esquecida pela prosperidade ao longo de muitos séculos.



Botes na Foz do Enxarrique

Regato ladeado de muros de xisto



Foz do Açafal

"Quando, do alto do Castelo de Ródão , sobre o abismo das Portas, se contempla o Tejo nas suas grandes cheias, fechadas aquelas hermeticamente contra a passagem de árvores, animais e detritos, arrastados pelo rio na sua fúria, tem-se mais directa sensação de violência dos elementos da Natureza. As águas tumultuosas, arrastando enormes detritos, árvores seculares, arrancadas a montante, rebanhos de gado, apanhados pela torrente, homens e coisas de toda a espécie, formam poderosos remoinhos que mergulham em espiral, e levam para as profundezas o que flutua à superfície das águas, para tudo vir depor, muitas vezes despedaçado, partido, vergado, na larga baía em que o rio se espraia depois da passagem das Portas, já vencida a dura batalha de quartzitos que encontra no seu caminho."

Araújo Correia, O Tejo, p. 32

O Ocresa, a Ribeira como aqui é chamado, nasce de um quase nada de águas escorreitas que sobram da serra da Gardunha e conhece as terras de Ródão um pouco antes de chegar ao encontro marcado com o Tejo. Vêem-no passar ao longe as gentes de Rodeios, Carapetosa e Vale do Homem, pressentem-lhe a presença os de Chão das Servas e sentem-no amigo na aldeia da Foz do Cobrão, onde chega depois de franquear, de tanto querer passar, as duras e belas cristas quartzíticas das Portas do Almourão. À sua passagem divide as gentes, intuindo porventura modos de viver diferentes: os do lado de cá *plingacheiros* e os de lá *cortelhões*.

Rio Ponsul

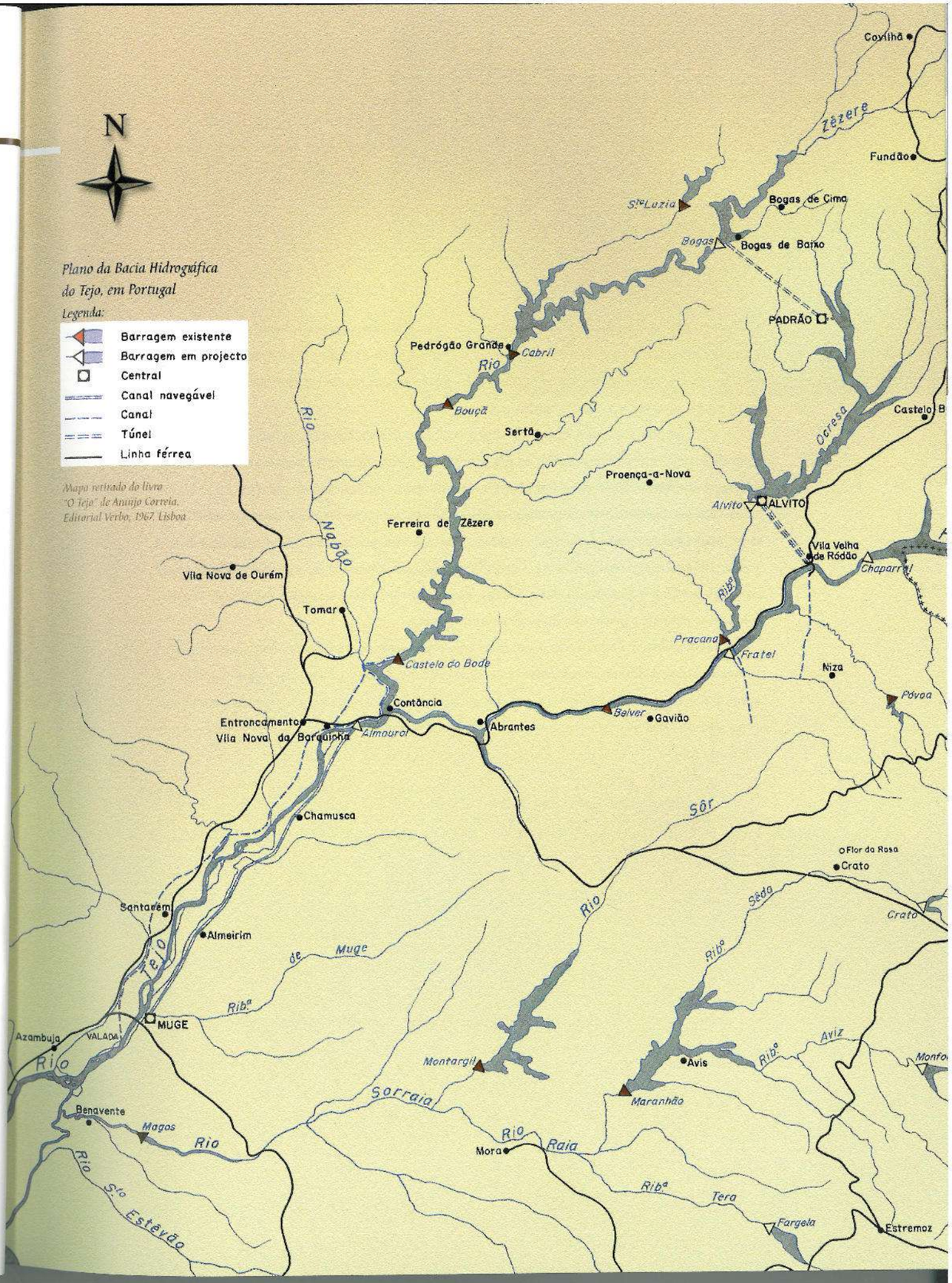
Barcos de pesca no Tejo em 1943

Logo abaixo o seu galgar é interrompido pela presença imposta da Barragem da Pracana, aí se despede do concelho de Ródão e se enlaça no Tejo até Lisboa, onde juntos se entregam ao mar.

Forte e imponente aparição tem o rio Ponsul na vizinhança de Alfrívida e depois também do Monte Fidalgo. O seu trilho de água verde, onde se miram encostas de matagal, que em terras de Idanha-a-Nova rega a campanha, em Ródão despoja-se e engrossa o já majestoso caudal do Tejo.

Da fauna rica dos rios, banquete de barbos, carpas, bogas, muges, sáveis, enguias e lampreias, se alimentaram durante muito tempo as populações locais. Até que se fizeram sentir os custos da construção de barragens – que impedem a arribação de espécies como a lampreia – e da poluição – que reduziu drasticamente a qualidade do peixe do Tejo, onde hoje se pesca, com fins comerciais, unicamente lagostim de água doce que é adquirido pelos vizinhos espanhóis.

Esquecidos os faustosos manjares de lampreia e sável e conformados com a escassa presença de enguias, são actualmente apreciados os peixes do Ocresa e do Ponsul, onde a actividade piscatória, à cana ou com rede, ajuda a manter a tradição gastronómica desta região: peixe do rio frito, às vezes conservado em molho de escabeche, enguias fritas ou de caldeirada, achigã grelhado, boga e carpa fritas, e barbo em sopas de peixe perfumadas com poejos da ribeira.



Os Campos

Em Vila Velha de Ródão a natureza impõe-se ao homem, limita-o nas suas ambições agrícolas, surpreende-o pelo vigor das suas formas agrestes e voluptuosas, berço de pedra onde o Tejo se deita, e encanta-o quando lhe estende um tapete verde decorado com mil cores e perfumado com outros tantos aromas.

Os campos curvados que a natureza aqui nos oferece, cumprindo o destino que o xisto lhes impôs e o clima e a vontade do homem ditaram, despediram-se há muito da vegetação primitiva e vestem-se agora de mato, oliveiras, pinheiros e eucaliptos.

No verde tristonho da paisagem adivinhamos as mutilações que o homem infligiu à terra, mas também os esforçados intentos de a ver, renascida, frutificar. O labor calejado dos arroteamentos, realizados na segunda metade do século XIX, é testemunhado pela presença austera e idolatrada das oliveiras, que escorrem pelas encostas íngremes, seguras pelos seus robustos pedestais de pedras sobrepostas.

Da floresta fizeram modo de vida os que semearam os pinheiros e eucaliptos, que se erguem em multidão noutras elevações, às vezes roubados pelas labaredas fogosas e devastadoras que deixam a terra de luto, até que de novo se deixe emprenhar pelas sementes trazidas por ventos generosos ou pelas raízes de fertilidade que o homem lhe lança aos pés.

Encostas de olival com calçadas

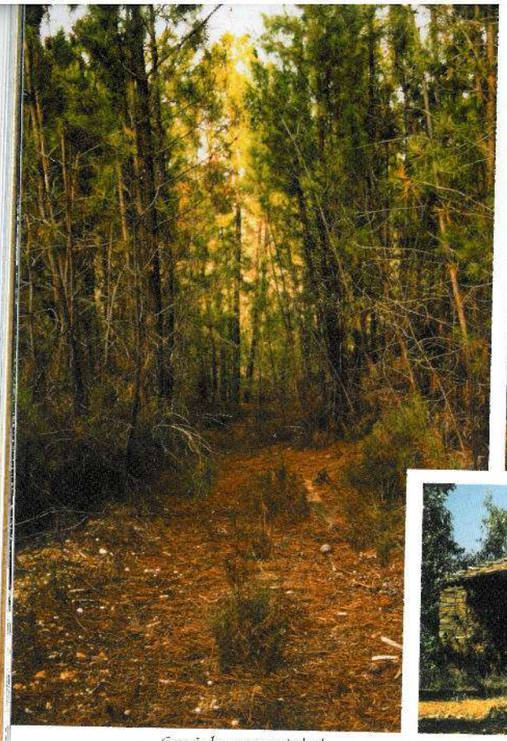
Azinheiras no meio de seara

Filhos longínquos da longa secura dos estios beirões, os sobreiros e as azinheiras povoam os terrenos levemente ondulados que cercaneiam Alfrívida e Vale de Pousadas. Memória viva da flora mediterrânica que em tempos vestia a região, os sobreiros – com as suas copas imponentes de folhagem miúda e áspera e os seus troncos ora enrugados e velhos ora desnudados e rejuvenescidos- e as azinheiras – que forram o chão de bolotas que o homem há-de apanhar ou as reses longamente deglutir – testemunham a proximidade da planura alentejana.

"Após a primeira Grande Guerra assistiu-se no nosso concelho - e com que sanha criminosa – à devastação de algumas matas, especialmente de sobro e de azinho, que ali existiram, na miragem dos negócios de carvão, procedimento que, infelizmente, foi seguido noutras regiões do país. Temos bem viva na lembrança a faina do abate dessas matas e embora hajam decorrido cerca de 40 anos não encontramos, até do ponto de vista económico, razão que justifique o que então se fez."

Domingos Alves Dias, O Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão,
edição do autor, 1995 (redacção de 1962)

Nos cabeços e encostas íngremes, abandonados por oliveiras, pinheiros e eucaliptos e demasiado altaneiros para sobreiros e azinheiras, são soberanos inabaláveis de um vasto e pobre domínio os matagais, que associam espontaneamente, ali e um pouco por todo o lado, a esteva ou xara, o carrasqueiro, o rosmaninho, o alecrim, a carqueja, a giesta, a urze, o tojo e a murta. A sua presença solitária é apenas perturbada pela visita dos pastores, que ali apascentam os seus rebanhos, e pelo zumbido laborioso das abelhas em torno dos seus cortiços ou colmeias.



Caminho entre pinhal

Matagal florido

Palheiro

Esquecidos pelos donos e pelos que lhes deram vida com bailes e cantorias nas noites gélidas de Inverno, os palheiros de conhos ou xisto são hoje habitantes tristes e velhos dos campos. Serviram de abrigo aos rebanhos que, em regime de itinerância, percorriam os olivais para, simultaneamente, eliminarem o mato e fertilizarem as oliveiras. Neste regime de pastoreio os palheiros eram utilizados para abrigar temporariamente rebanhos e pastor (e por vezes a sua família). Nos locais onde não existiam palheiros os animais eram guardados em *bardos* (redis com cancelas de madeira) e os pastores, à noite, abrigavam-se nos *choços*, pequenas cabanas individuais, de forma arredondada, feitas a partir de uma estrutura de ramos de zimbro coberta com colmo. No Outono e Inverno, os palheiros acolhiam ranchos de homens e mulheres que ali ocorriam para a apanha da azeitona. No final de cada dia ceavam antes de se deitarem em restolhada, partilhando muitas vezes o espaço com os rebanhos, separados apenas por divisórias de panos ou tábuas. No encerramento do labor despiam o cansaço e visitavam o patrão, brindando-o com ramos de oliveira enfeitados, que ele agradecia oferecendo o jantar. A seguir cantavam, dançavam e riam e, no fim, os caminhos sinuosos, estreitos e irregulares que os haviam reunido separavam-nos de novo – até para o ano.

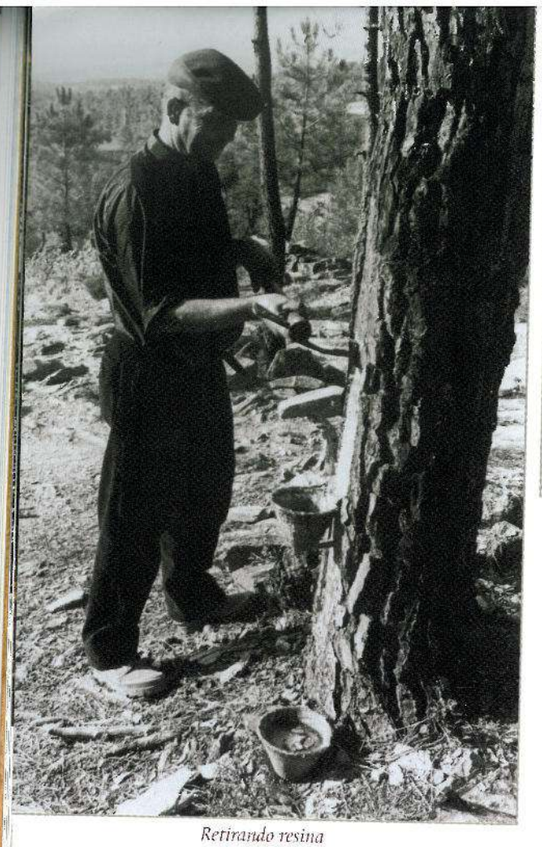
Do mesmo modo que os rios marcaram a gastronomia local, também os campos determinaram sabores: o gosto excelso dos queijos, a qualidade do mui celebrado mel, o regalo dos enchidos porcinos e o azeite dourado e finíssimo que a todos honra.

O engenho aguçado desta gente humilde e regrada destinou ao mato funções de grande importância na sua frágil rede de sobrevivência: dele se alimentava o gado, que fornecia o leite, o queijo e a carne; depois de arrancado e picado com ele se faziam as camas dos animais, e delas saía o estrume que tornava mais produtivas as hortas; com as *xaras* secas, a lenha da limpeza e carqueja ou pinhas se aquecia o forno e se fazia o lume, que curava o fumeiro e cozinhava as refeições.

Nos vales planos dos ribeiros, sobretudo do Açafal e do Lucriz, a paisagem muda: o agreste e inculto torna-se macio e fértil, o verde escuro e acinzentado toma cambiantes mais claros e vivos, surgem os campos agrícolas onde crescem viçosos os cereais – que depois de secos hão-de alimentar os rebanhos – e onde são experimentadas novas culturas, como o tabaco.

É, contudo, nas proximidades das localidades que encontramos os últimos redutos de fertilidade onde se semeavam e colhiam os produtos alimentares mais utilizados na confecção das refeições: o feijão, a batata e a couve. Moldadas, às vezes irregularmente, por muros de pedra sobreposta ou ao alto, aproveitando as margens dos cursos de água ou retirando esse bem precioso do subsolo (com poços,

Plantação de tabaco



Retirando resina

Pastores guardando cabras

equipados com noras ou picotas, e, mais recentemente, com furos artesianos), as hortas surgem-nos imprevistas no meio de uma aldeia ou da própria vila sede de concelho. E é bela e impressionista a presença frondosa deste quadro campestre, onde, num fundo verde de hortaliças e legumes, alegra o sombrio Inverno a cor esfusiante das laranjas descaindo levemente da ramada fresca das laranjeiras.

*"Nos idos anos 60/70 os campos que eu conheci, na freguesia de Fratel, estavam mais humanizados e eram parte importante do **modus vivendi** da ruralidade. Esses campos cultivados originavam um belo mosaico paisagístico repartido por parcelas contrastantes: alqueives, pousios, restolhos, searas e, aqui e além, vegetação espontânea. Nas áreas próximas das aldeias cultivavam-se, em hortas, os legumes e as frutas que ajudavam a subsistir as famílias. As regas efectuadas com a ajuda das picotas e das noras tornavam mais verdes os seus matizes.*

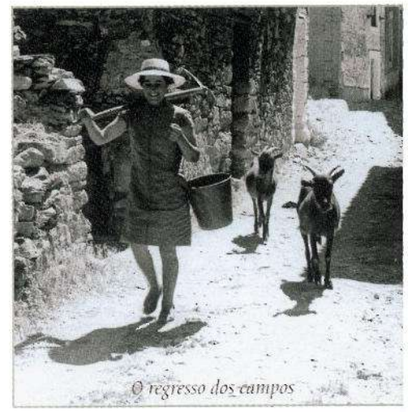
Com o abandono dos campos, processo lento mas progressivo, a paisagem deixa de estar humanizada: os novos partem, os idosos vão desaparecendo, os restantes entregam-se aos serviços. Surge um campo onde predomina o mato, ininterrupto, até perder de vista.

Com o passar dos anos instalam-se áreas florestais, primeiro de pinheiro bravo e depois de eucalipto, em grandes manchas contínuas, e onde, outrora, se cultivavam hortas, crescem hoje os silvados. Esta nova paisagem só é alterada pelos incêndios, que devastam grandes áreas de floresta e cujo combate é dificultado pelo acidentado dos terrenos. Originam-se então grandes áreas ardidas que criam quadros naturais monótonos, onde a cor negra e a desolação dominam e a vida selvagem rapidamente desaparece. A regeneração natural, que ocorre nas áreas de pinheiro bravo adulto e nos matos, não acontece no pinhais jovens que serão invadidos pela vegetação espontânea.

Para fazer face a esta fragilidade da floresta, seria útil e vantajoso que os proprietários constituíssem associações, de forma a estudarem, planificarem e concretizarem medidas, apoiadas financeiramente por fundos comunitários, que ponham fim a este destino de pobreza.

Actualmente verifica-se que, nas encostas da serra da vila com exposição nortada, o sobreiro se regenera espontaneamente e com bom desenvolvimento. Tendo em conta que se trata de uma planta autóctone, bem adaptada portanto ao solo e ao clima, quem sabe se não lhe caberá ocupar, num futuro próximo, os terrenos que já foram seus e que agora estão povoados de pinheiros bravos."

Vítor Carmona, Engº Técnico Florestal (Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão)



O regresso dos campos

VILA VELHA DE RÓDÃO

BARRAGEM DE ALMOUROL

FOZ DO CABRÃO

497 ALMEIRÃO

LADEIRA

VALE DE CABRÕES

587 ALVAIADE

PROENÇA-A-NOVA

V. DE FIGUEIRA

PERDIGÃO

MONTINHO

280 BRZERRA

PERDIGÃO

VILAR DE REI

PEREIRO GORDO 307

PEREIRO

VILA RUIVA

ORTIGÃO

FRATEL

CARAPETA

VERNEIM

CORTIÇA

SILVEIRA

PORTAS DO RODÃO

PORTALEGRE

BARRAGEM DO PRECANA

GARDETE

SARDETE 253

SBOA

OLEIROS DE FRATEL

FABRICO DE LOIÇA

NIZA

PROENÇA-A-NOVA

RIO OCREZA

CASTELO BRANCO

RIO OCREZA

331 CARQUEJ/BRA

LARANJAIS

CASTELO BRANCO

SARNADAS

RIBEIRA DE ALCANA

ATALAIA

CEBOLAIS DE BAIXO

CASTELO BRANCO

SARRASQUEIRO

CUCHERRO

QUEIJO

ALFRIVIDA

V.V. DE RODÃO

SALGUEIRO

CAÇA

180 MONTE

SOBREIROS

230 SOBREIROS

200 ENTRE CAMINHOS

OLIVAIS

282 MATOS

PERAES

MONTE FIDALGO

RIO TEJO

5 Km.

ESPANHA

CONVENÇÕES

SÉDES DE FREGUESIA

POVOAÇÕES

ESTRADAS

CAM. DE FERRO

RIOS

RIBEIROS

ALTITUDES

CASTELO BRANCO

V.V. DE RODÃO

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

Mapa incluído em roteiro editado pelo ROTEP em 1953

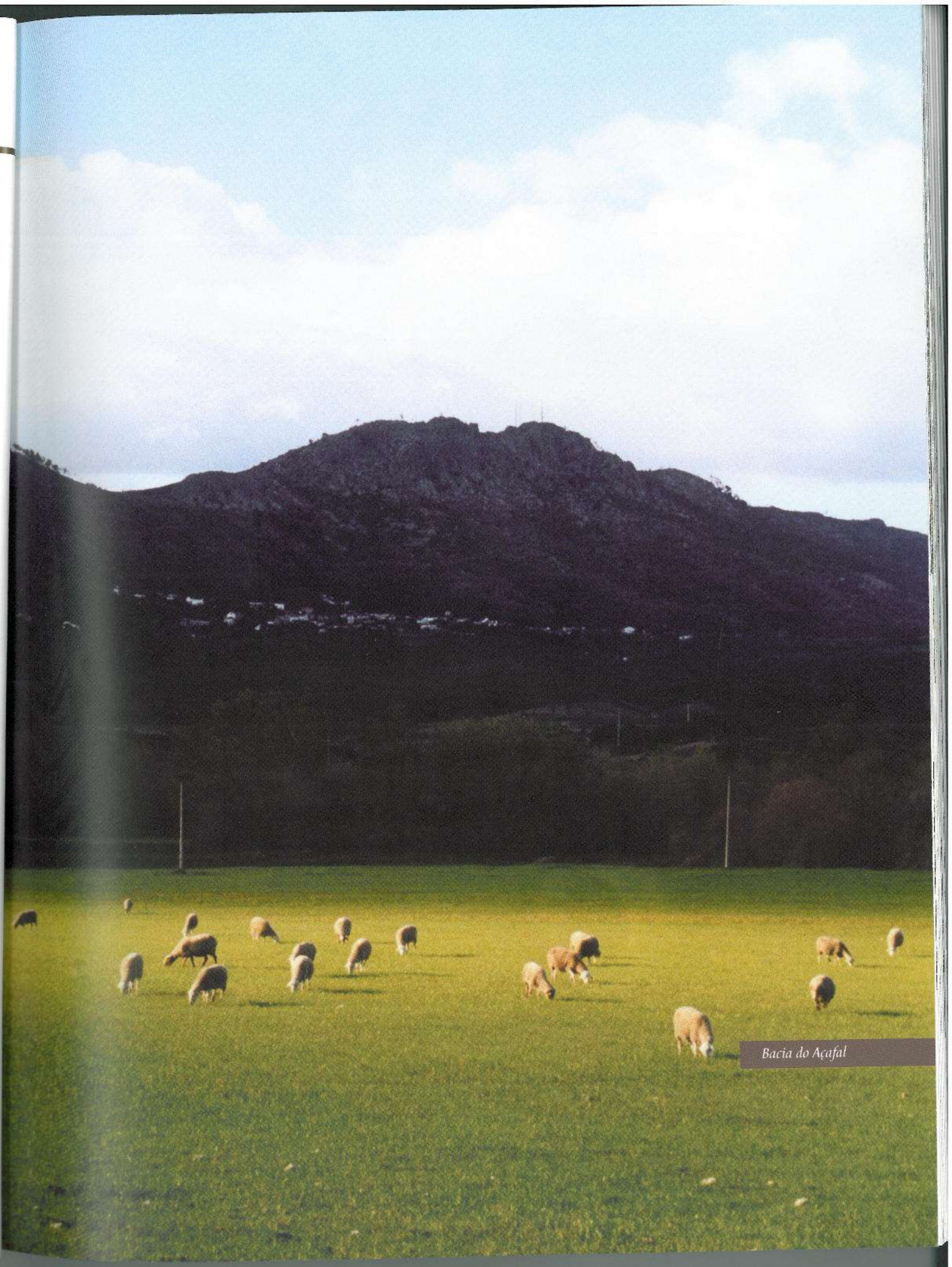
Os tempos da Natureza

A natureza, aqui como noutras regiões, impõe o seu tempo. Contudo, é no mundo rural que os elementos climáticos e as andanças da lua têm um poder que não lhes reconhecem os ruidosos espaços urbanos.

Encaminhadas pelos mais velhos e aconselhadas pelos almanaques, gerações sucessivas de camponeses organizam a sua vida ao sabor das estações. Também decididas pelos astros ou pelo calendário religioso, as festividades cíclicas, que se comemoram ao longo do ano, ajudam a caracterizar os ritmos sazonais.

Dessas vivências da ruralidade, onde cada estação chega e se despede de modo diverso, se farão os textos seguintes, onde o tempo se mescla numa trama descritiva que, não sendo o presente de todos, é com certeza o passado de muitos.

Procissão da festa em Foz do Cobrão nos anos 70



Bacia do Açafal

Primavera

"Cessam os ventos impetuosos que trazem o ar gélido do interior. Sob o forro de nuvens espessas, as noites guardam um pouco do calor do dia. Com o sol a espreitar entre nuvens grossas, umas vezes oculto pelos cúmulo-nimbos sombrios, outras brilhando no céu que limpa depois dos aguaceiros, Março é essencialmente aquele mês de "tempo de fazer caretas", celebrado nos rifões populares, que marca o termo do Inverno.(...) O desigual aquecimento do ar provoca perturbações locais e aguaceiros, às vezes violentos, acompanhados de trovoadas, tocados pelo vento das mais desencontradas direcções. No mês seguinte [Junho] a temperatura sobe ainda mais fortemente, e o Verão vai-se anunciando pela frequência dos dias quentes, serenos e límpidos, cortados pelos últimos aguaceiros, por algumas trovoadas térmicas e por uma ou outra depressão que, toldando o céu do norte ao sul do país, encontra na temperatura muito elevada das áreas baixas condições desfavoráveis à condensação."

Orlando Ribeiro, Geografia de Portugal, vol II, pp. 379-380

Pela Primavera, o renascer acontece. Retorna a luz que aquece e germina, inebria-se o olhar que poisa nos prados e nos matagais florescidos, envergam as vestes de poeta os homens simples que, inspirados pelo ímpeto criador da natureza, versejam:

É linda a Primavera
Cheia de encanto e beleza,
Eu dela estou sempre à espera,
É coisa da natureza.

Primavera dos amores,
Correm rios e riachos!
Tudo coberto de flores
Até nos altos e baixos.

Papoilas por todo o lado,
Cheira bem a rosmaninho,
Apetece cantar o fado
Mesmo estando sozinho.

Vales, montes e outeiros
De flores, parece um mar.
E a flor dos marmeleiros?
Um perfume de arrasar.

Na Primavera das flores
Até o pinheiro floresce!
Alegram-se os pastores
Porque toda a erva cresce.

Joaquim Alves Mendes in Vozes da Memória, pp. 448 - 449

Nos primeiros tempos primaveris impera o rigor quaresmal que arreda da mesa os sabores carnais, sabiamente substituídos pela confecção de vegetais e espécies piscícolas.

Na Semana Santa ecoam no ar vozes nocturnas que recordam o sacrifício de Cristo – cantam-se as Alvíssaras, os Martírios e os Passos do Senhor, entre outros – purifica-se o corpo e a alma preparando-os para o milagre da ressurreição. As casas são objecto de limpeza profunda, para condignamente nelas se celebrar a festa pascal que, noutros tempos, incluía a visita do pároco local, acompanhado pelo sacritão, trazendo o testemunho de Jesus cruxificado, para os fiéis beijarem, e levando dádivas em géneros ou dinheiro. Este espírito de generosidade

cristã, pregado na época pascal, estende-se também à oferta de prendas aos afilhados, por parte dos padrinhos: antigamente davam-se pães ou bolos fintos, agora oferece-se vestuário ou dinheiro. No dia de Páscoa a mesa põe-se sápia e farta: não falta o cabrito assado ou guisado, as tigeladas e o arroz-doce, as broas de mel e os biscoitos.

Noutros tempos era na época que se seguia à Páscoa – durante o mês de Abril – que se realizava a maior parte dos casamentos, celebrados pela comunidade na igreja local e festejados pela família na boda, que decorria desde a véspera da cerimónia até ao dia que a seguia.

Semanas antes do casamento já os fornos andavam acessos e recebiam a azáfama da feitura das broas, biscoitos, cavacas, esquecidos, bolos fintos ou de mel, broa enrolada e pão leve, com que a família dos noivos brindava os vizinhos e amigos – que antes haviam ofertado cestos com ovos, farinha e açúcar.

Vestida de branco virginal, ou de cores claras de assumida perdição, a noiva esperava na sua casa o noivo, que a havia de ir buscar, e dali seguiam para a igreja de onde sairiam abençoados e unidos : à frente a noiva e logo atrás o noivo, acompanhados pelos respectivos padrinhos, mais atrás o grupo dos convidados. Para dar sorte, eram recebidos à saída da igreja com pétalas de flor, arroz e trigo que os padrinhos agradeciam atirando à criançada mãos-cheias de rebuçados, amêndoas e amendoins.

A boda constituía o festim familiar mais alargado e abundante. Para alimentar tão grande cortejo de convidados, nos três dias que durava, abatia-se gado com que se faziam as sopas de boda, ou que se assava no forno, matava-se criação para fazer gordas canjas, e adoçava-se o paladar com arroz-doce, tigeladas e os bolos secos atrás mencionados. Na

noite do casamento havia baile, abrilhantado quase sempre por um acordeonista e animado pelo comportamento dos alegres bebedores.

Nos meses de Maio e Junho o sol acaba de amadurecer as searas que vergam com o peso dos grãos. Como a ceifa, neste concelho, era pouco duradoura, pela dimensão pequena das searas, esta tarefa era deixada para as mulheres, enquanto os homens se deslocavam em grupos, a pé, para a vasta peneplanície alentejana. Pareciam ratinhos, assim, uns atrás dos outros, vagarosos e vergados ao peso da trouxa que carregavam às costas. E o nome ficou-lhes.

"Tanto no concelho de Elvas, como em muitos outros do Alentejo, e até em Espanha, as ceifas dos cereais nas herdades, são geralmente executadas por milhares de homens e rapazes que, de propósito, vêm das Beiras e que o público conhece pelo nome de ratinhos ou ratos. É uma alcunha pouco lisonjeira, mas os alcunhados não a repelem nem se amofinam por isso. Ratinhos foram seus avós e pais, ratos se consideram eles, e outro tanto sucederá a seus filhos e netos. O hábito de virem ceifar às terras alentejanas é tão antigo e inalterável, está tão arreigado e persistente, que deverá subsistir por largos anos, como vantajoso que é para lavradores e serviçais. Ai das colheitas do Alentejo, se lhes faltassem os ceifeiros beirões...

(...) Os ratinhos ceifam as grandes e as pequenas searas das herdades e ceifam-nas com desembaraço incomparável. Causa admiração a destreza e galhardia com que eles manobram a foice, ora sob a acção importuna das maresias da noite, ora ao calor estonteante do sol, num período de quarenta a sessenta dias, em que só folgam num ou dois [Dia de Corpo de Deus e de S. João]. Nos demais mourejam " a pé firme", desde o raiar da aurora até noite cerrada – durante dezasseis horas, em que só descansam nos intervalos das três comidas!"

José da Silva Picão, Através dos Campos: Usos e Costumes Agrícolo-alentejanos, p. 225 - 373

No final da Primavera o astro-rei envolve-nos num afago luminoso e sufocante. Aproximam-se os dias longos e quentes em que imperam a presença e os efeitos da sua bola de fogo. Ao corpo dolente resta o consolo da sesta. Só as tardes e noites cálidas convidam ao convívio : as soleiras das portas enchem-se então de gente que conversa e vê quem passa.

Verão

Eira

"Nas estações do interior por vezes o termómetro sobe acima de 40º e a humidade relativa pode descer a menos de 10 por cento. É o vento Sudão, que cresta as culturas, faz morrer as árvores (às vezes chegam a secar azinheiras), amolece os homens e os gados revolvendo massas de ar escaldante como um bafo infernal e turvando a atmosfera de uma neblina seca e amarelada. Entre as ceifas e as sementeiras, por um tempo assim, nas horas mais quentes do dia, o campo fica amortecido. Os gados acolhem-se à sombra das árvores, os homens ao abrigo da sesta. O zangarreio da cigarra é o único ruído que quebra esta opressiva solidão."

Orlando Ribeiro, Geografia de Portugal, vol II, p.372

No Verão povoam-se as eiras de corpos másculos, que malham os cereais com mangueiras, ou de animais que os pisoteiam até deles se subtrair o grão, que, esmagado pelo peso das mós das azenhas e cozido nos fornos de lenha, há-de fazer-se pão e matar a fome dos mais desvalidos. Os apicultores enfrentam as dolorosas picadas das abelhas, para retirarem das colmeias o mel com que adoçam os bolos e curam maleitas.

"O calor vai apertando. É tempo de começar a malha!

Divididos em dois grupos, quatro, seis, e às vezes oito de cada lado, os malhadores alinham, frente a frente, a um dos cantos da eirada.

Homens malhando cereais

Um dos grupos levanta os mongais e descarrega-os sobre as espigas, para logo os levantar e permitir que o outro grupo descarregue os seus.

E a baterem alternadamente, a malharem, a malharem em rufar rijo e constante, deslocam-se vagarosamente do cimo ao fundo da eira.

O cereal, desfeitas as espigas, salta misturado com detritos de palha, moinha e praganas incómodas. A lufa-lufa só termina depois de decruado o primeiro cavalo.

O suor corre em bica pelas faces dos malhadores.

O cântaro de barro cheio de água apetecida, surge para, mais do que nunca, dar lugar à bem classificada obra de misericórdia: dar de beber a quem tem sede!

As mulheres levantam e voltam a palha já batida e estendem-na no carreiro.

Os mongais voltam a rufar, cira abaixo eira acima, com ligeireza.

Novo carreiro, ainda outro, e mais outro são lançados até o cavalo estar todo malhado. E nova decrua se segue noutro cavalo e em novos cavalos para, finalmente, as mulheres darem a última volta à palha, que logo sai para fora da eira para ser atada, e, nos dias que se seguem, recolhida nas palheiras!"

Jaime Lopes Dias, Etnografia da Beira, Volume V, pp. 144-145

Os ares quentes e maduros do estio estimulam os sentidos dos corpos que se enlaçam nos bailes de S. João e nas festas populares, cumprindo o amor despertado antes pelo bucolismo primaveril. A festa de S. João, que depois se estendeu a outros santos – Sto António e S. Pedro – recebia o Verão com fogueiras nocturnas que rescendiam a murta, rosmaninho, alecrim e marcela. As ruas enchiam-se de gente que cantava, dançava e saltava a fogueira para ter sorte nos amores, ambiente feérico pouco adequado a mulheres casadas, como se depreende do libertino rimar da *vox populi*:

Ai eu hei-de ir ao S. João,
Ai o meu marido não quer.
Deixá-lo ir para a ceifa,
Eu farei o que eu quiser.
(popular)

Enfeites de festas populares

Picota em campo de cereal

Senhora dos Remédios

Nessa noite rapazes e raparigas, em grupos, acorriam às fontes, crentes que, nesse momento, a sua água possuía poderes extraordinários. Eles iam roubando das portas vasos floridos, com que enfeitavam a fonte e o caminho por onde as raparigas passavam, numa atitude de claro agrado galanteador. Elas, mais tarde, sozinhas, punham à prova o amor escolhido: colocavam num copo com água uma alcachofra queimada na fogueira e aguardavam o veredicto de S. João – se a planta renascesse era sinal que o amor era correspondido, se permanecesse queimada era caso para procurar novo amor... para o ano outro S. João haveria. Um outro ritual praticado nesta altura consistia em deitar uma moeda para a fogueira que, no dia seguinte, se ia buscar às suas cinzas. Dava-se, mais tarde, ao primeiro pobre que aparecesse, perguntando-lhe como se chamava. O nome pronunciado seria também o do amor esperado.

Também as romarias, que se realizam a partir do final da Primavera e durante todo o Verão, eram festas de idílio amoroso. Jovens rapazes e raparigas de muitas terras ali ocorriam, vestidos com o seu fato melhor, em ruidosa e alegre peregrinação. Na festa recebia-os a tentação: eram os tendeiros que estimulavam a aquisição, eram as tascas toscamente montadas que convidavam aos prazeres de Baco, era a música que impelia os passos para a dança – o encontro físico possível. Mas estas festas populares, que ainda hoje fazem parte dos nossos prazeres estivais, são também festas religiosas, manifestações de devoção aos santos padroeiros, cumpridas nos ritos religiosos que aí acontecem. A procissão que percorre as ruas – engalanadas por colchas tombando das janelas e atapetadas com murta e pétalas de flores – é o instante em que o fervor religioso atinge o seu auge e, pela graça divina, se cumprem sacrifícios e fazem dádivas.

No fim da festa paira o espírito entristecido dos que partem – despedem-se dos amores, da alegria e do doce nada fazer e, com os olhos pintados de tristeza, cantam louvores às suas padroeiras:

Senhora dos Remédios
Vosso caminho não sei,
Quem tem boca vai a Roma
Eu também assim farei.

Senhora dos Remédios
Quero dar a volta inteira,
Não sei se cá voltarei
No estado de solteira.

Senhora dos Remédios
Que tendes na vossa coroa?
Um galo preto romano
Tem asas e não voa.

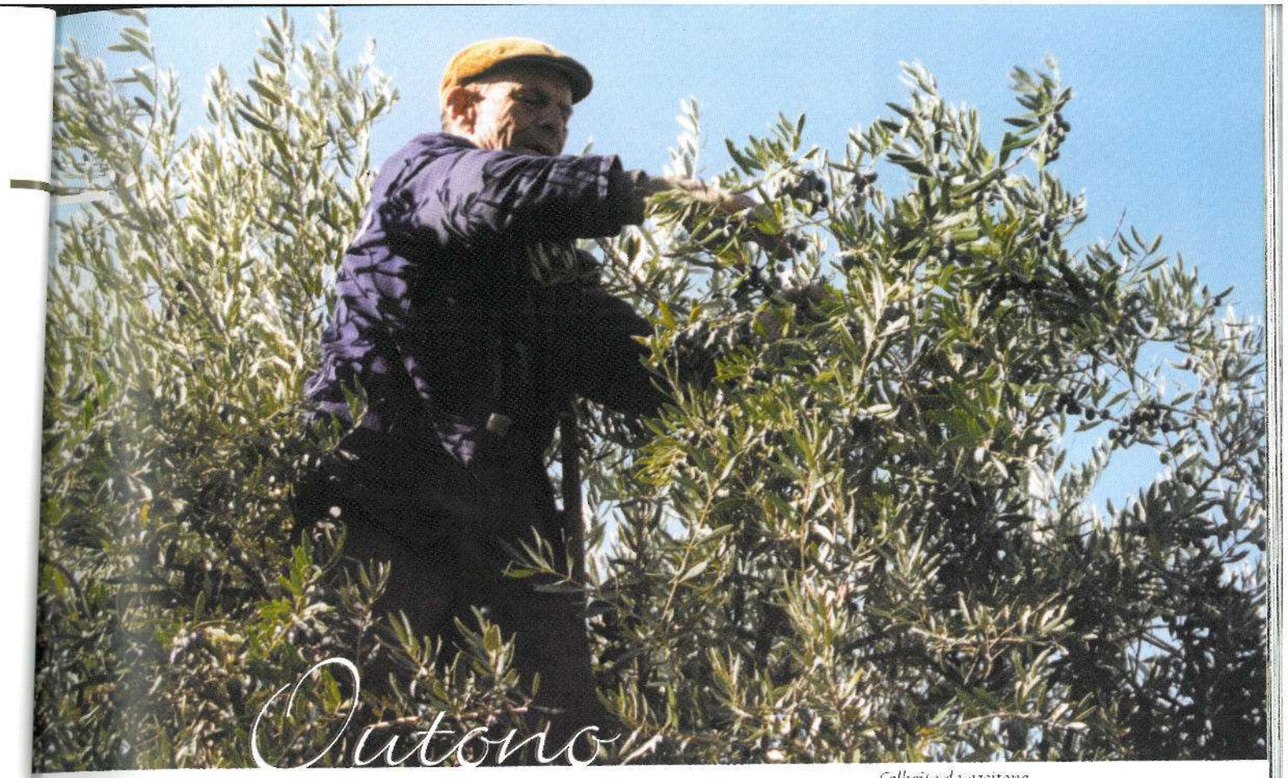
Senhora dos Remédios
As costas vos vou virando,
A minha boca se vai rindo
Os meus olhos vão chorando.

Senhora dos Remédios
A vossa capela cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas
Cheira a flor de laranjeira.

Senhora dos Remédios
Quem vos varreu o terreiro?
Foi o rancho de Alfrivida
Com um raminho de loureiro.

Senhora dos Remédios
Já me vou despedir;
A companha vai-se embora
Eu também quero ir.

Vozes da Memória, p. 126



Outono

Colheita da azeitona

"O equinócio marca geralmente o termo do tempo quente e sem chuva que constitui o Verão. Passam então as primeiras depressões, o céu cobre-se de nuvens arrastadas pelos ventos dos quadrantes de oeste e sul. Caem as primeiras chuvas, que amolecendo a terra, marcam o início do novo ciclo de sementeiras. Os ribeiros e torrentes, mortos pela longa estiagem, revivem durante horas rolando águas revoltas e amareladas, que arrastam consigo lama e seixos.(...) As noites refrescam gradualmente à medida que se vão tornando mais longas, o termómetro pode descer a 2 ou 3 graus no Interior (...). Reina então um tempo de rara serenidade, céu perfeitamente límpido que recorta com admirável nitidez o horizonte distante, noites frescas mas dias ainda quentes e soalheiros."

Orlando Ribeiro, Geografia de Portugal, vol II, pp. 374-375

Chega-nos como um entardecer, caindo primeiro claro e cálido e envolvendo-nos depois, lenta e inexoravelmente, num xaile de escuridão. Do céu de algodão nublado cai a chuva que sacia os vales áridos e salpica o pó dos caminhos. A terra exala frescura – é a fertilidade que regressa. E, com ela, a azáfama dos trabalhos agrícolas: os arados estendem pelos campos longos fios paralelos, as enxadas vigorosas revoltam as hortas, ora formando montículos ora desmanchando-os; é tempo de semear e ver nascer, de plantar e ver crescer, de sachar e estrumar, de olhos postos no céu esperando que o branco desbote.

Interior do lagar: a prensa

A partir de Outubro os olivais pintam-se de preto azulado, os taralhões e os tordos cantam triunfantes a sua chegada, as formigas em longos carreiros arrecadam as últimas sementes.

Novembro começa com os coros traquinas das crianças que, de bolsa na mão, percorrem as ruas pedindo pelos santos: "*Santoros, Santoros!*" – clamam alegres. E, em cada casa visitada, engordam as bolsas com mãos-cheias de passas de figo, castanhas, romãs e outros frutos da época. Na feira compram-se escadas, panais e cestas para a colheita da azeitona.

No dia seguinte, o culto dos finados encaminha os passos sofridos das viúvas, mães e filhas, para um cemitério florido, onde a cor dos crisântemos contrasta com o negro destes vultos condenados à incompletude. Caiu em desuso, que a necessidade já não obriga, a ladainha da pobreza que era, antigamente, o peditório do dia de finados: adultos a carecer de assistência deslocavam-se às casas abastadas e, aí, implorando por alma de quem os visitados lá tinham, estendiam latas que recebiam meios-quartilhos de azeite.

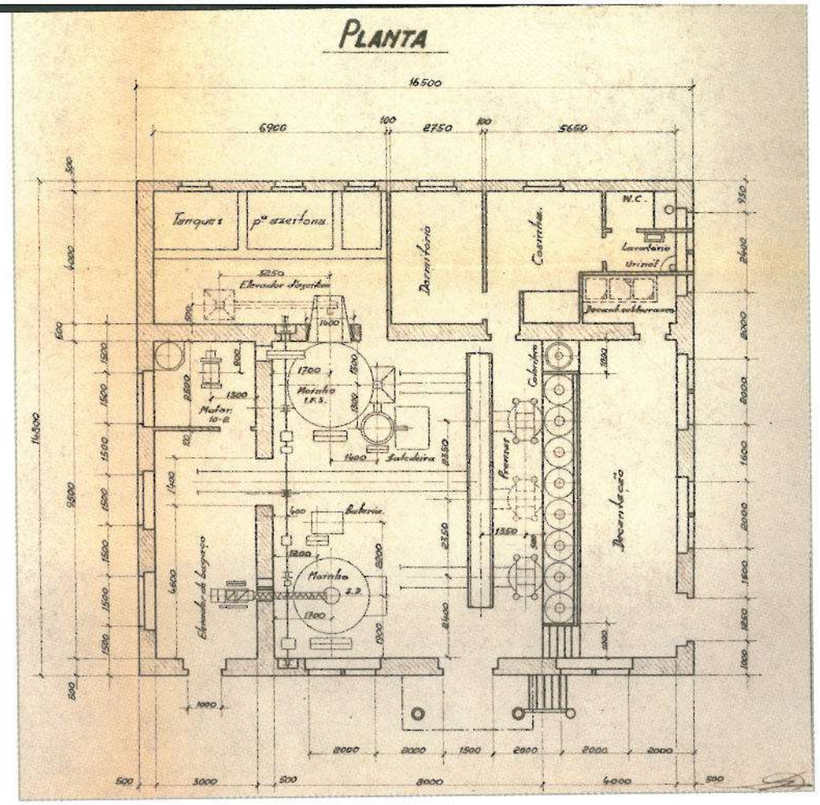
Pelo São Martinho alegra-se o tempo com os últimos calores, acendem-se fogueiras para fazer magustos e à sua volta degustam-se o vinho novo e a jeropiga.

E, nesta altura, começa a apanha da azeitona: as encostas e cumes dos cabeços e os conhais da charneca cobrem-se de vida, ecoam no ar os versos cantados pelos ranchos:

O meu amor é António
O sobrenome não sei,
Ainda há pouco que o amo,
Ainda não lho procurei.

A folha da oliveira
Quando cai no lume estala,
Assim é meu coração
Quando para o teu não fala.
(Popular)

As vozes dobradas são acompanhadas pelo tombar compassado das azeitonas nos panais. Elas, curvadas, enchem as cestas com os frutos galegos caídos no chão; eles, empoleirados nas escadas, despem ramo a ramo as enlutadas oliveiras. O trabalho só é interrompido para o almoço, de pão e conduto (toucinho, farinheira, queijo...), comido à volta de um lume que, nos dias em que o frio tolhe os movimentos e a nublada humidade ensopa as roupas, é uma dádiva de aconchego.



Planta de um lagar tradicional, idêntico ao que está a ser recuperado pela Junta de Freguesia de Sarnadas de Ródão para dar lugar a um Museu do Azeite

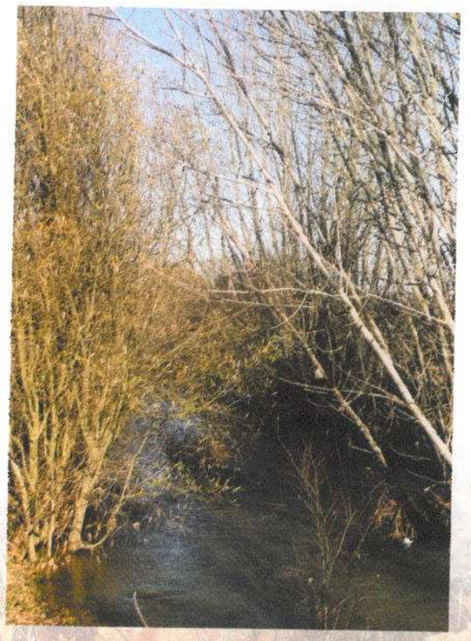
No final do dia a azeitona é limpa: de um amontoado de ramos, folhas e azeitonas são retiradas pazadas que se elevam no ar com vigor e mestria – o vento encarrega-se de separar as azeitonas, que tombam ruidosamente num panal, dos ramos e folhas, que descaem suavemente até ao chão.

Terminada a *fega*, aqueles que tinham menos posses iam apanhar o *rebusco*: palmilhavam-se olivais inteiros à cata de uma cesta de azeitonas escondidas entre pedras ou esquecidas no meio das ervas.

Singular é a importância da azeitona na economia doméstica: mata a fome *acondutando* o pão e dela se extrai o azeite que aduba os cozinhados e torna mais sápias as refeições. Ainda hoje as azeitonas melhores e mais grossas, tanto galegas como cordovis, são presença permanente à mesa nas casas do concelho. As que são consumidas novas são retalhadas e colocadas em água, que se muda diariamente; quando estão doces, vão sendo retiradas para uma tigela e temperadas com sal grosso. As restantes, que serão consumidas ao longo do ano, são colocadas em talhas de barro cobertas com água. Na lua nova de Janeiro, lavam-se e metem-se novamente na talha com água salgada e dois quartos de limão (a água está salgada o bastante, quando nela se mergulhar um ovo e ele vier à superfície).

Em Dezembro já os lagares estão povoados de um cheiro húmido e untuoso, que os habitará até ao fim da temporada, e neles labutam os lagareiros, que entregam a azeitona ao seu destino: primeiro é moída sob o peso de mós grandes que rolam, transformando-a numa massa escura e pastosa que é colocada por cima de cada uma das seiras, até formarem um corpo cilíndrico elevado que a prensa se encarrega de espremer e achatar. Da massa vai-se esvaindo o líquido precioso que, depois de decantado, brilhará de glória nos repastos mais humildes e cujo paladar é testado no próprio lagar, onde é pretexto para saborosas tabornas feitas de pão torrado molhado no azeite.

Nesta altura, o Outono acena a sua despedida aos salgueiros despidos que ladeiam os ribeiros inchados, às árvores de fruto que nos pomares e quintais exibem o seu esqueleto de caules, às folhas inutilmente coloridas que adormecem no chão onde o vento as poisou.



Inverno

Troncos ardendo na fogueira de Natal

"A irradiação nocturna, cada vez mais forte à medida que encurta a duração do dia, já não é compensada pelo aquecimento produzido nas horas de sol alto. Forma-se assim um centro de alta pressão, que tende a estabilizar-se, dominando o estado do tempo na parte oriental do país e estendendo, não raro, a sua influência a todo ele. Durante o dia, o sol ainda aquece o ar duma perfeita limpidez. Mas, com o crepúsculo, dá-se uma queda brusca da temperatura, que continua a descer até aos alvores da madrugada. Na atmosfera diáfana da noite, as estrelas e a lua parecem mais brilhantes; mas o ar tem uma frialdade cortante e os campos amanhecem cobertos de geada (...). Durante semanas, no interior, durante dias no litoral, podem soprar ventos de leste e do norte, frios e permanentes, não raro impetuosos, que equivalem, no tempo de Inverno, à maldição dos suões durante o estio. Este tempo nunca dá chuvas. (...) Formam-se nuvens altas, que a pouco e pouco baixam e se acumulam no horizonte, aproximando-se da terra. Porém, os ventos fortes e frios do interior dissipam-nas e, no ar que eles impetuosamente varrem, continua a manter-se uma desagradável frialdade. Este embate dura dias, ou mesmo semanas, enquanto o camponês angustiosamente espera a chuva que tarda e receia os estragos das geadas frequentes."

Orlando Ribeiro, Geografia de Portugal, vol II, pp. 375-379

Com a sua chegada, os dias tornam-se pouco mais que um instante de luz fria numa interminável noite, tornada reconfortante pela presença do lume aceso desde o alvor do dia. A

chuva, a pouco e pouco, vai dando lugar à geada, senhora da madrugada que espalha pelos campos o seu maléfico véu de brancura. Das chaminés saem expeditas nuvenzinhas de fumo esbranquiçado. Antigamente, nos longos serões passados à lareira, alumiados por candeias de azeite ou candeeiros de petróleo, contavam-se estórias, fiava-se, costurava-se e bordavam-se os enxovais.

O Inverno é o tempo de guardar: de Dezembro a Janeiro enchem-se as salgadeiras, seca-se o fumeiro, salgam-se as azeitonas e fazem-se queijos com o leite das cabras e das ovelhas, que se comem frescos ou se salgam para curar. As matanças do porco constituem, pela farta presença da carne, autênticos festins familiares. Pela manhã mata-se o porco, sangrando-o, chamusca-se, lava-se e abre-se, tarefas que envolvem o esforço dos homens da família (e um ou outro amigo ou vizinho). As mulheres, atarefadas, aparam e mexem o sangue com que mais tarde se farão as morcelas, separam as tripas e, de seguida, procuram um ribeiro onde a água corrente as ajude a limpar os intestinos do animal, que hão-de servir para fazer os apreciados enchidos. O almoço da matança é, geralmente, composto por sopa de couve com ossos, toucinho e bofe do porco, e *seminata* (sarrabulho) feita com o fígado cortado miúdo e frito no entretinho derretido, ao qual se acrescenta cebola e parte do sangue, previamente cozido, temperado com sal, cominhos e vinho ou vinagre. Pela tarde o *desmanchar* do suíno, realizado pelos homens, é complementado pelo migar da carne por mãos femininas. No final do dia temperam-se os alguidares de carne migada e salgam-se os presuntos – antigamente salgava-se uma parte considerável do porco (toucinho, cabeça, chispe...) e era da salgadeira que se retirava, nos meses seguintes, o conduto que com o pão acompanhava a sopa nas refeições.

Matança do Porco

Aliás, era mal governada a mulher que não conseguisse fazer chegar a carne do porco velho até ao dia da matança do novo, sendo até costume – divulgado por Joaquina Flores no seu trabalho Contrastes da Nossa Terra – bater com a carne velha na do porco acabado de matar, para dizer que tocaram uma na outra.

Pastos de Inverno

No dia seguinte enchem-se as morcelas com as carnes ensanguentadas, alguma gordura e o sangue do porco, temperadas com sal e cominhos, postas depois a cozer numa caldeira de água não demasiado quente. Nesse mesmo dia enchem-se também as farinheiras, feitas com as gorduras do porco, temperadas com alho, sal e um pouco de pimentão, às quais se junta farinha e água quente. As morcelas e as farinheiras são as primeiras que se alinham nas varas e enfeitam de cor o negrume da chaminé. Ainda nesse dia mexe-se o alguidar dos chouriços e afere-se o seu paladar fazendo assaduras, com pedaços da carne desse alguidar; confeccionam-se as mioladas com a carne dos rins, dos lombatinhos e do coração do porco, miudamente cortada, que se frita na gordura derretida do entretinho, à qual se adicionam um pouco de água antes de se colocar no tacho pão cortado aos quadradinhos, e, por fim, os miolos do animal batidos juntamente com ovos. A matança termina com a feitura das linguiças e dos paínhos, cheios com as carnes magras e mistas e temperados com alho pisado, sal e pimentão.

Açude do Açafal em tempo de cheia

No Inverno o Natal acontece. Nos dias que o antecedem apanha-se musgo dos troncos das árvores ou do chão orvalhado e, sobre o seu manto verde, desenha-se o singelo presépio que homenageia Jesus. Na véspera de Natal, grupos de populares trazem dos campos, em carroças, os troncos velhos e enormes de raízes escancaradas, com que se fazem as fogueiras que aquecem o corpo entorpecido e acendem na alma a fé muitas vezes esquecida. Nos lares a família reencontra-se em torno de um lume, onde se fritam as filhozes e arde a esperança em dias melhores. À meia-noite, na Igreja, a Missa do Galo reúne o rebanho de Deus para celebração do nascimento de Jesus. Na manhã seguinte reina a alegria de receber – outrora uma singela filhó com açúcar e uns míseros tostões encantavam do mesmo modo que agora o mais refinado brinquedo.

Chega-nos depois o Ano Novo, que, quando o passar do tempo era marcado pelas luas e não pelos calendários, não merecia qualquer espécie de comemoração. Actualmente organizam-se, nas associações de recreio ou em casa, encontros de amigos e familiares para conviver, comer, beber e dançar.

A partir de Fevereiro os dias crescem e as noites minguam. O fumo esvai-se agora das chaminés num fio mais ténue e lento. Retira-se o fumeiro que, seco, é colocado em talhas com azeite – que lhe confere uma sapiosa maciez – e ali permanecerá até ser consumido. Da salgadeira, onde se vislumbra apenas a grossa cobertura salina, são retirados, no fim de algumas semanas, os presuntos que se untam com uma mistura de azeite, pimentão e alho e são colocados ao fumo. Antigamente, as famílias pobres e numerosas trocavam os presuntos por maior quantidade de toucinho para, assim, poderem ter conduto por mais tempo.

No final da invernia recomeça a azáfama campestre: ceifam-se os fenos, semeiam-se os milheirais e os batatais. Os dias alongam-se e perfumam-se com os odores inimitáveis das flores do mato, por entre o qual se procuram os tortulhos e as túberas – que se comem assados com sal, ou fritos com ovos e pão e aromatizados com poejos –, apetecível iguaria que a terra oferece.

Por esta altura festeja-se o Carnaval, festividade cíclica que convida ao desregramento e aos folguedos, facilitados pela utilização de disfarces: canta-se e dança-se durante os três dias que vão do Domingo Gordo ao dia de Carnaval; sorteiam-se as comadres e os compadres, que mais tarde trocarão presentes numa adulação consentida pela tradição; às refeições festeja-se o Entrudo, comendo abundantemente carne de porco, nomeadamente a cabeça e o bucho, antes que a sua proibição, imposta pela Quaresma, aconteça.

Sabemos que o Inverno terminou quando o Sol, que no Inverno surgia como uma luz pálida com que as nuvens brincavam num jogo de lusco-fusco, se impõe quente, lânguido, preguiçoso na abalada.